

Hy-Brasil, Terra Sem Mal, duas visões de um mesmo paraíso

Rafael Barreto Pinto

Doutorando do PPGCIS da PUC-Rio.

Resumo

Este artigo analisa as mitologias de Hy-Brasil e Terra Sem Mal, relacionando-as às concepções de paraíso europeu e indígena, respectivamente. A canção de Tom Zé destaca a Ilha de Hy-Brasil, um mito celta que simboliza uma terra de felicidade, imortalidade e mistério, visível apenas sete dias por ano, e que poderia inspirar a busca europeia por terras incógnitas. Para os indígenas guarani, a Terra Sem Mal representa um lugar de imortalidade, onde não há morte ou trabalho, e que simboliza sua esperança de salvação diante do declínio ambiental e social. A busca por essas terras mitológicas motivadas por expedições e migrações, influenciando a colonização do Brasil e o imaginário de desbravamento. A narrativa revela como esses dois mitos moldaram a percepção de um Brasil paradisíaco, cuja queda é entronizada pela violência e pelos conflitos sociais. Assim, o Brasil, antes de ser um território real, foi uma construção onírica, cuja constante degeneração impacta a identidade brasileira.

Palavras-chave: Hy-Brasil; Terra Sem Mal; Paraíso.

Introdução

A canção “Hy-Brasil, Terra Sem Mal”¹ é a primeira do álbum *Língua Brasileira*² de 2022. Este álbum foi feito para ser a trilha sonora de uma peça de mesmo nome, o título do espetáculo é também referência a canção homônima de Tom Zé, presente no álbum “Imprensa Cantada” de 2003. A emergência da obra teatral talvez tenha se dado pela crise identitária que o Brasil estivesse passando nestes tempos, desde pelo menos as jornadas de junho de 2013, passando pelo impeachment da presidenta Dilma e chegando até a eleição de Bolsonaro, foi necessário voltar ao princípio da história do país para saber: Quem realmente nós somos? E o que seremos? Já que em momentos turbulentos da história e da sociedade, é mister constituir uma base segura para definir o que se é.

A dita canção começa com uma batida de bateria ligada a uma performance de guitarras imitando o sobe e desce das ondas em alto mar, como se o marasmo da procura por algo a muito tempo querido, já enfadasse o marinheiro mais intrépido. Então o cantor e seu coro começam a explanar sobre Hy-Brasil, mítica ilha irlandesa, presente no folclore celta, que pode ser uma das origens do nome de nosso país, além daquela clássica versão ligada ao Pau Brasil:

¹ Hy-Brasil, Terra Sem Mal, Tom Zé: Tom Zé. São Paulo, Sesc SP, 2022, 1 CD (43 min)

² Último álbum do compositor até a data de escrita desta tese.

Hy-Brasil/Ilha maravilha/Naquele Norte gelado ela brilha.

É... É a ilha BIS Que só aparece sete dias por ano.

É... (olha que tem um rio de leite cozido) É... a ilha. É... (e ainda um pé de café moído) É... a ilha E quem esquece o sorriso dela?

Hy-Brasil/Linda ilha/Que baila, dança e contradança/Lá bem longe,/Anda e desanda./Nos mares gelados da Irlanda,

Do século III ao século IX./Hum, hum, hum, meu sabichão./Ela estava nos/mapas da navegação.

E só aparece sete dias por ano... sete, sete, sete, sete, sete./E mesmo assim, quando um barco se aproxima,/Ela vai se afastando,/Vai se afastando, se afastando, afastando.../E sumiu, miu, miu que ninguém viu./E sumiu, miu, miu que ninguém viu.

Hy Brasil

Essa ilha se chamava Hy Brasil, era visível da costa oeste da Irlanda, que estava presente nos mapas da navegação,³ como a canção menciona dos séculos III até o século IX, dando ares formais ao mito. Até esta parte da canção, ainda não se sabe ao certo se autor quer nos levar até a esta mítica ilha ou ao país continental do Brasil. Entretanto, nossa dúvida é sanada no próximo verso da canção, que começa com batidas próximas de um samba enredo:

Hy-Brasil/Hy-Brasil BIS/Hy, Hy, Hy-Brasil./Uma ilha sem fuzil,

Sem ba ba-ba-ba-ba- bala civil,/Uma ilha sem fuzil,/Sem ba ba-ba-ba-bala civil.

A notícia da ilha correu pelo céu e mar,/Um santo da igreja foi lá para abençoar:

E São Brandão navegou por 40 dias/Com tiranias,/Para essa ilha alcançar./Foi testemunha de que lá noite não havia,/Só claridade do dia/E o frio não se conhecia.

Tal ilha não existiu sozinha no imaginário dos navegadores portugueses, nem mesmo das outras nações europeias que exploraram o chamado Novo Mundo. Estas fantásticas terras estavam imersas nas imaginações dos mais diferentes conquistadores. Segundo Sérgio Buarque em seu livro “Visões do Paraíso”⁴, a ideia de que existiria na terra uma região imperscrutável aos mortais, e que seria maravilhosa ou fantasmagórica rodeava o pensamento europeu da época das grandes navegações. O relato da peregrinação marítima de São Brandão, santo irlandês, é apenas um dos exemplos. É um mito de origem Celta, que descreve uma ilha paradisíaca que só aparece 7 dias por ano, de sete em sete anos. Somente aqueles com pureza d’alma poderiam avistá-la e visitá-la.

Por tanto, a origem do nome do Brasil, já é em si paradisíaca, e Tom Zé, nosso intérprete, compôs uma canção relacionando duas crenças, uma europeia e outra indígena para elaborar o início da história do Brasil, relacionando a misteriosa Ilha Hy Brasil com a mítica Terra Sem Mal dos indígenas Guarani. Assim, tanto aqueles que já estavam aqui em 1500, quanto os que vieram de fora, tinham imagens extranaturais daquilo que viria se tornar o Brasil. Duas mitologias distintas que falam

³ Cantarino, Geraldo, *Uma Ilha Chamada Brasi: o paraíso Irlandês no passado Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, p: 15.

⁴ Buarque de Holanda, Sérgio, *Visões do Paraíso*, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969, p: 20.

de uma procura de algo que não se sabe bem se existe, mas que mesmo assim impulsiona uma busca e a chegada em algum lugar.

Índio brasileiro/Procurava por um local:/Era um paraíso chamado TERRA SEM MAL;/Alí a lavoura nascia sem plantar,/Flecha ia caçar,/Era só beber e dançar./E como dançar é se purificar./Assim, nessa terra sem mal,/O índio é imortal.

Não somente o Brasil, mas o Novo Mundo, das Américas, se tornará um lugar de encanto, de ligação com algo mais primitivo, seus habitantes ora são tidos como puros, ora tidos como pecadores, pois ainda não conheciam a religião.⁵ O paraíso representado pela ideologia presente nos navegadores terá ambivalência, as vezes é puro, outras vezes está prestes a decair. Um pensamento próprio dos cristãos daqueles tempos, que segundo a Carta de São Paulo aos Romanos 8:22 apresenta o mundo e o humano como: “geme e padece até hoje” por causa de Adão. A querela: se este Novo Mundo será ou não tocado pelas consequências de Adão? Serão tratadas teologicamente, pelos teólogos da época. Mas parece que a decrepitude do paraíso é sempre algo que estará sempre a um passo de acontecer, já que a deterioração do mundo é algo inerente à criação, segundo os cristãos.

A ideia desta decadência também está presente na canção de Tom Zé, que mesmo relatando os paraísos celta e guarani, não se furta de sempre lembrar de fuzis e balas em sua canção. De certo, para nos recordar que uma das máculas de Adão em nosso país, perpassa pela violência urbana. Se não fosse esta marca, certamente o paraíso brasileiro não decairia tanto, no imaginário mundial.

Mas voltemos a mitológica Ilha Hy Brasil. Ela está ligada à história de *Saint Brendan* ou, aporuguesando, São Brandão, que teria vivido na atual Irlanda de 486 até 578 d.C.⁶ O relato de sua história foi bastante popular em toda Idade Média. O objetivo de São Brandão era o de navegar até a chamada Terra Prometida, em que não havia mal, segundo algumas fontes.

O jornalista Geraldo Cantarino fez um compilado das histórias sobre São Brandão, Hy Brasil e como esse relato mitológico influenciou o imaginário dos navegadores ávidos a chegar no Novo Mundo. Como o próprio Tom Zé relata em sua canção, a Ilha Hy Brasil estava sempre escondida por um nevoeiro, e quase nunca era vista. Mas a cada sete anos o nevoeiro se dissipava e era possível observá-la inteiramente. Esta ilha era coberta por montanhas verdes e pastos luminosos, e segundo os relatos celtas da época, era habitada por fadas, magos, sábios e curandeiros. Mas havia uma questão, toda a vez que alguém tentava se aproximar desta ilha, ela desaparecia, sob a água novamente, tornando impossível a sua visita. Este é um mito celta de origem pré-cristã da Irlanda.⁷

O nome da Ilha Hy Brasil ou Brasil, parece vir de um rei mítico celta, chamado Bresal. Nesta ilha ele estabelecia sua corte a cada sete anos, por isso a ilha só era visível durante um curto período. Neste lugar só havia felicidade e reinava imortalidade, a ilha tinha o dom de emergir e submergir, por vontade própria, ou pela vontade de Bresal. O Rei Bresal, era conhecido como o Grande Rei do Mundo, para os celtas, e ele podia espalhar a morte para todos que avistassem a aparição de sua Ilha a cada sete anos.⁸ É possível notar a afinidade com que um lugar paradisíaco tem também com a morte, até nos mitos celtas. Um lugar de felicidade e imortalidade não pode ser comum a todos, e assim, resta aqueles que o querem invadir, apenas a morte e a destruição completa.

⁵ Ibidem, p: 180.

⁶ Cantarino, Geraldo, *Uma Ilha Chamada Brasi: o paraíso Irlandês no passado Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, p: 36

⁷ Ibidem: p: 42.

⁸ Ibidem: p: 128.

O nome Bresal era bastante comum na antiga Irlanda, e tinha como significado “bravo em conflito⁹”. Houve também outro personagem importante para o mito de São Brandão chamado Bresal, não apenas o rei mitológico. Este Bresal teria sido o primeiro missionário cristão da Irlanda, que teria ido para lá no final do século V. Este Bresal virou um santo católico irlandês, e é celebrado no dia 18 de maio. São Bresal teria sido ordenado bispo pelo próprio São Patrício, padroeiro da Irlanda. E segundo relatos cristãos, Bresal teria influenciado a São Brandão a fazer a viagem em busca do paraíso terreno, que foi conhecido como Hy Brasil.

São Brandão, o santo navegador, é também uma síntese do mito celta da ilha prometida, com o relato do Êxodo judaico-cristão da Terra Prometida. Este saiu numa aventura marítima em busca do paraíso na Terra. E a terra descoberta por São Brandão no século IV, foi associada a Ilha Hy Brasil.¹⁰ Sua expedição em uma frágil embarcação acompanhada por outros monges ganha ares de uma viagem de navegação cuja causa é também espiritual, na qual é preciso passar por provações das mais diversas, para se chegar ao paraíso.

A descrição da viagem de São Brandão está presente na obra medieval “*Navigatio Sancti Brendani Abbatis*” ou Navegação de São Brandão, o Abade, escrito três séculos depois da suposta viagem. E foi tão popular que foi reescrita não somente em latim, mas também em inglês, francês, alemão, flamengo, italiano, provençal e nórdico. E pode, segundo o jornalista Geraldo Cantarino, ter influenciado o próprio interesse de Colombo pelas grandes navegações.¹¹

A história de São Brandão começa com ele recebendo a visita de outro monge também irlandês que descreve a beleza das terras a oeste da Irlanda. Então, o tal monge recomenda a São Brandão que fosse ver aquele local pessoalmente. Logo, São Brandão construiu uma pequena embarcação para aquela viagem, feita de madeira e coberta com couro de boi. Chamou consigo mais 17 outros monges e zarparam rumo a Terra Prometida. Eles ficaram por sete anos no mar. Para o jornalista Geraldo Cantarino, *Navigatio* pode não passar de uma coleção de fábulas de marinheiros, mesclado com lendas medievais. Mas todas tendo São Brandão como personagem principal, já que ele é conhecido na Irlanda, como o Santo Navegador. A história perpassa por feras marinhas, algumas casas acolhedoras, e outras nem tanto, até que no fim São Brandão chega ao Paraíso Terrestre. Nele tudo é alegria, uma luz que não se apaga e um sol que nunca despenca, lá tampouco existe sombras, é possível colher frutas suculentas, matar a sede em rios de leite ou em límpidas fontes, nesse lugar não há desejo que não seja satisfeito.¹² E este lugar foi associado à Hy Brasil.

Quando estavam em alto mar, território indomável, com o objetivo de aportar no Mundo Novo, de certo já sabiam que lá nas novas terras não havia as enfermidades que existiam no Velho Continente. Por certo, acreditavam que o ar daquela nova terra não era tão corrompido como os ares europeus. Tampouco os rios e até mesmo a natureza como um todo estavam mais imaculados.¹³ A possível visão do paraíso transportada para as terras brasileiras, não era somente uma visão mitológica, mas o imaginário europeu da época, realmente associava o Novo Mundo como um paraíso a ser conhecido, para ser dominado.

⁹ Ibidem, p: 129.

¹⁰ Ibidem, p: 144.

¹¹ Ibidem, p: 152.

¹² Ibidem, p: 166.

¹³ Buarque de Holanda, Sérgio, *Visões do Paraíso*, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969, p: 250.

Em comparação com à Europa, os indígenas brasileiros, eram tidos como muito mais saudáveis. E segundo a teoria vigente na época, os bons humores é que davam a tônica saudável, e impediam que as doenças se alastrassem. Até para as pessoas que aportavam no Brasil doentes, logo se recuperavam, como que de uma forma milagrosa. Pois não haveria naquele território, qualquer sinal de peste.¹⁴ A saúde dos indígenas para os europeus, era de fato uma grande questão, de como eles se mantiveram sãos em um mundo em constante declínio. Esse ideal saudável da terra, da gente e do clima serviu de chamariz para a colonização desse novo território quase incógnito.

Mas, tudo é paradisíaco quando não se conhece bem de perto. E até os grupos indígenas do litoral brasileiro, os ramos guaranis, estavam ali em busca do seu paraíso: a chamada Terra Sem Mal, também retratada no final da canção de Tom Zé. O que demonstra a relação profunda do Brasil com uma visão paradisíaca, tanto dos europeus quanto dos indígenas.

Se o mito de Hy Brasil levou de certo modo os europeus a desbravarem os mares buscando terras incógnitas. O mito da Terra Sem Males impulsionou muitos indígenas do tronco tupi a buscarem seu lugar paradisíaco, o que fez povoar as terras do que hoje chamamos Brasil.

Terra Sem Mal

Segundo Darcy Ribeiro, os indígenas do tronco tupi eram bons guerreiros e dominaram a área litorânea da costa brasileira e as margens do Rio Amazonas, e tomando também para si os territórios dos rios importantes da futura América do Sul como o Paraguai, Guaporé e Tapajós.¹⁵ Os tupis não eram um povo, mas um conjunto de povos tribais que compartilhavam o mesmo tronco linguístico.

O número de indígenas numa tribo tupi não se estendia por muitos milhares (podiam variar de 300 até 2 mil indivíduos),¹⁶ uma vez chegando ao seu ápice, se dividiam, constituindo novas tribos, que prontamente começavam a se diferenciar e com o passar do tempo até mesmo se odiarem entre si. Assim, ao crescer de modo demasiado, eles logo se dividiam, criando tribos autônomas e as vezes até antagônicas, quanto mais afastadas estivessem.

É possível que o número de indígenas do tronco tupi presentes no litoral brasileiro quando os portugueses aportaram, poderia facilmente chegar a 1 milhão, o mesmo número de habitantes de Portugal, naquela época.

Os tupi-guarani domesticaram diversas plantas para consumo próprio, elaborando uma verdadeira horta tropical em forma de floresta, como é a Mata Atlântica, por exemplo. Dentre os produtos plantados por eles estavam a sua base alimentar e produtiva: mandioca (uma planta que em sua origem é venenosa), o milho, a batata-doce, o cará, o feijão, o amendoim, a abobora, o urucu, o algodão, o guaraná e até mesmo o tabaco. Assim, a agricultura lhes fornecia uma certa segurança frente as incertezas do mundo.

Todos os moradores da tribo produziam seus alimentos, salvo alguns líderes religiosos como os pajés e caráibas e os chefes guerreiros como os tuxauas. Porém, para Darcy Ribeiro, a estrutura

¹⁴ Ibidem, p: 271.

¹⁵ Ribeiro, Darcy, *O Povo Brasileiro, A Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo, Ed. Global, 2015, p: 25.

¹⁶ Ibidem, p: 26.

social dos tupi-guarani era igualitária, não havia um estamento com poder suficiente para mandar, nem uma estrutura servil submissa o bastante para obedecer.¹⁷

As guerras entre os povos tupi-guarani era parte de sua característica de expansão territorial. Para o antropólogo espanhol jesuíta Bartolomeu Melià, a terra para o guarani é um dado instável, que tem vida própria, nasce, cresce e morre; a terra está sempre envolta na dinâmica de carência e abundância.¹⁸ E este é o primeiro motivo para que eles entrassem constantemente em guerra entre si, para ter o controle da terra, quando esta estivesse em seu período abundante. O segundo motivo era cultural, uma forma de interação através de expedições guerreiras para capturar prisioneiros para o ritual antropofágico.¹⁹ Não se pode dizer que os tupi-guarani eram de todo pacíficos, já que a belicosidade era desde sempre entranhada e incentivada entre as tribos.

Para os guaranis a terra não é um simples produto para a produção econômica, ela é parte integral da sua cultura. Há uma interrelação econômico-cultural, pois o lugar em que se vive interfere nos costumes praticados.²⁰ O guarani se vê como um horticultor, aquilo que ele planta vai fazer parte do que ele é.

Por ser um organismo vivo, que varia entre carência e abundância, a terra para os povos guaranis está sempre flertando com a sua própria destruição e declínio, a própria crise de escassez poderia gerar um cisma dentro da tribo, e fazer com que eles se separassem. Este seria um dos males da terra. Estar sempre no limiar entre a fartura e a falta. Pois então, o que seria a Terra Sem Mal?

Segundo a antropóloga francesa Hélène Clastres, existência da Terra Sem Mal, para os guaranis, entra num contexto de certeza de que a terra será destruída por um cataclisma,²¹ por isso a busca incessante deste lugar paradisíaco, torna-se uma busca desesperada para salvar a própria vida.

Este foi o grande motivo para que os grupos tupi-guarani migrassem, e chegassem até o litoral brasileiro, e ainda estão até hoje migrando a procura desta terra ideal. Na Terra Sem Mal, existe a imortalidade, não existe o trabalho, tampouco a carência. A Terra Sem Mal é um lugar indestrutível, onde a terra produz os frutos para si e para seus moradores e onde não há sinal de morte.²²

Esta terra teria uma existência geográfica e histórica, num lugar para além das montanhas,²³ é acessível para aqueles que estão vivos, embora os mortos também vão para lá, pois lá também é a morada dos ancestrais.²⁴ Mas morrer não é condição para a entrada neste lugar. A Terra Sem Mal para os guaranis tem um nome: *Yby mará-e'yma*, lá o tempo está superado, assim como a estrutura social e a ordem estabelecida, neste local não existe poder para obedecer, qualquer ordem política ou divina.

Na Terra Sem Mal, por ser uma terra da imortalidade, não existe morte, e não se precisa trabalhar, a terra produz tudo o que se necessita sozinha e até as flexas vão caçar por sua própria vontade, trazendo a caça para a boca daqueles que chegam a tal lugar. Proibição não há, tudo é

¹⁷ Ibidem, p: 28.

¹⁸ Melià, Bartolomeu, *A Terra Sem Mal dos Guarani*, in. Revista de Antropologia, USP, vol. 33, 1990 p: 34.

¹⁹ Ribeiro, Darcy, *O Povo Brasileiro, A Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo, Ed. Global, 2015, p: 28

²⁰ Bartolomeu, Melià, *A Terra Sem Mal dos Guarani*, in. Revista de Antropologia, USP, vol. 33, 1990 p: 36.

²¹ Clastres, Hélène, *Terra Sem Mal*. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1978, p: 29.

²² Ibidem, p: 30.

²³ Talvez uma referência à Cordilheira dos Andes.

²⁴ De Almeida Navarro, Eduardo, *Terra Sem Mal, O Paraíso Tupi-Guarani*. Revista Cultura Vozes, número 2/ março-abril, 1995, p: 65.

permitido. O que se deve fazer na Terra Sem Mal é dançar e beber, assim se alcança a imortalidade, em comum com aquela terra.

Os profetas ou xamãs guaranis da Terra Sem Mal são chamados de caraís ou caraíbas, eles fazem a ponte entre o mundo natural e o sobrenatural.²⁵ São indivíduos solitários, e líderes religiosos, que jejuam e vivem apartados da tribo,²⁶ mas que por isso tem liberdade de perambular por outras tribos guaranis, já que seu caráter social é marginal.²⁷

São eles que predizem aonde os guaranis devem ir para chegar a este lugar, além de realizarem curas, predizer o futuro e controlar o tempo, trazendo chuva para terras secas, e seca para terras úmidas. Por isso, eles são tidos como líderes espirituais e podem andar acompanhados de seus seguidores ou completamente solitários, dependendo do carisma do caraíba. A partir de onde o caraíba previa a existência da Terra Sem Mal, a jornada poderia ser longa e pesada, através de florestas, rios e montanhas.

Toda essa jornada era, e ainda é feita, por milhares de indígenas todos os anos, ao redor do território sul-americano. Para entrar na Terra Sem Mal, era necessário estar no local indicado pelo caraíba e fazer uma extenuante dança acompanhada de muita bebida, que preparam o corpo para adentrar neste paraíso. A dança tinha o poder de purificar os corpos para a entrada na Terra Sem Mal. Neste sentido, a busca da Terra Sem Mal dos guaranis já tem em si um sentido de festa e uma contradição, pois também é um ritual de ascese, tanto individual como coletivo.

Para este caminho não bastava apenas acompanhar o caraíba onde ele apontasse, mas era necessário também cumprir uma série de requisitos éticos. O discurso profético dos caraíbas exaltam muitas proibições, era necessário parar de caçar e cultivar, além de oferecer as filhas a quem quisessem e negar toda regra de aliança vigente. Não é atoa que os caraíbas e os chefes das tribos viviam em conflito, enquanto o segundo queria manter a ordem, o outro apenas queria subvertê-la, rompendo a ordem social e a ordem de parentesco.²⁸ Embora nas sociedades guaranis os chefes quase não têm poder de lei, servem apenas como mediadores de conflitos, segundo Pierre Clastres.²⁹

O ritual de ascese para alcançar a Terra Sem Mal começa com a caminhada extenuante até o local apontado. Após chegarem ao local indicado se inicia uma série de cânticos, danças, uso de tabaco, confissão feminina e jejum. Dentre estes hábitos ascéticos, a dança tinha mais proeminência, uma vez que ela tem a função de elevar a alma e tornar o corpo mais leve, para a entrada na terra almejada.³⁰ Como estavam em jejum, se alimentavam do que eles conseguiam levar até o ponto, que poderia ser alguns palmitos e certas carnes de caça. Isto fazia com que muitos dançassem até a exaustão, morrendo com seus corpos frágeis.³¹ Mas é fato que chegar a dançar no lugar indicado já era em si uma conquista, uma vez que muitos indígenas não resistiam à longa viagem. O que torna todo o caminho e a dança uma questão de purificação, individual e social.

O possível fracasso de alcançar a Terra Sem Mal é atribuído pelos caraíbas como falta de fervor religioso ou quebra das regras de jejum. Assim, pode-se dizer que é um sistema social complexo

²⁵ Clastres, Hélène, *Terra Sem Mal*. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1978, p: 34.

²⁶ De Almeida Navarro, Eduardo, Terra Sem Mal, O Paraíso Tupi-Guarani. Revista Cultura Vozes, número 2/ março-abril, 1995, p 67.

²⁷ Clastres, Hélène, *Terra Sem Mal*. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1978, p: 41.

²⁸ Clastres, Hélène, *Terra Sem Mal*. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1978, p: 68.

²⁹ Clastres, Pierre, *Sociedade Contra o Estado: pesquisa de antropologia política*; tradução de Thiago Santiago, Rio de Janeiro, Ed: Francisco Alves, 1978, p: 144.

³⁰ Clastres, Hélène, *Terra Sem Mal*. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1978, p: 50.

³¹ *Ibidem*, p: 63.

e completo, onde as regras são rígidas e falhar pode também ser uma opção,³² mas que resguardam os caraíbas de qualquer equívoco próprio. O que pode acontecer com o caraíba é ele não ser mais levado a sério e perder seu séquito de seguidores.

Para Hélène Clastres a busca da Terra Sem Mal é parte de uma recusa da vida social, da autoridade do chefe e de viver circunscrito às regras da tribo. Pode ser tanto um suicídio individual, quanto social. Apenas com um mundo em iminente dissolução e perto de um cataclisma é que faria os guaranis deixarem a paz social das suas aldeias para rumar a um desconhecido paraíso. Para aqueles que aceitavam a dolorosa caminhada a terra era tida como má,³³ por isso seguir os caraíbas pode levar à Terra Sem Mal, onde não há morte. Muitas tribos se separam para buscar esta tal terra e com isso, mantenham os laços sociais daqueles que decidiram permanecer, e assim se mantém o frágil enlace social dos guaranis.³⁴

A iminente destruição da sociedade e da terra como um todo, faz os guaranis buscarem a Terra Sem Mal, como já foi mencionado. Com isso, a busca desta terra se torna um caminho que culmina em uma dança quase até a morte para a destruição da estrutura social e corporal vigentes. O processo até chegar a Terra Sem Mal, também é de negação do poder político do chefe da aldeia. Por isso eles seguem os caraíbas, já que o mundo acabará, é melhor buscar a eternidade festiva³⁵

Assim, a busca por terras míticas levou os tupis-guaranis e os europeus portugueses a se encontrarem nas praias brasileiras, no ano de 1500. Cada um com sua ideia de paraíso. Neste sentido, não se pode negar que antes de ser um lugar existente, o Brasil foi pensado, almejado e sonhado. Tanto por povos indígenas quanto por estrangeiros. A origem mítica do Brasil fará com que esta terra fosse vista como uma fonte inesgotável de riquezas. Entretanto, quando se trata de paraíso, logo também se indica a sua queda e dissolução.

A interpretação de Tom Zé do Brasil como uma união dos paraísos indígenas e europeus está profundamente ligada à violência urbana, que foi sempre rememorada na mencionada canção. A terra Brasil pode ser e foi imaginada como um paraíso, mas sua queda foi rápida e causada por seus colonizadores, que sugaram aquilo que puderam das fontes naturais e humanas. A violência trazida por eles, de certo fez com que o ideal paradisíaco não fosse mais tão associado ao Brasil. E vemos, hoje, este país envolto nas páginas policiais nacionais e internacionais, mas que nos encartes turísticos, não mais semeando o desejo de povos estrangeiros como outrora.

Bibliografia

BUARQUE, Sérgio de Holanda, *Visões do Paraíso*, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969

CANTARINO, Geraldo, *Uma Ilha Chamada Brasi: o paraíso Irlandês no passado Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004

CLASTRES, Hélène, *Terra Sem Mal*. São Paulo, Ed: Brasiliense, 1978

³² Clastres, Pierre, *Sociedade Contra o Estado: pesquisa de antropologia política*; tradução de Thiago Santiago, Rio de Janeiro, Ed: Francisco Alves, 1978, p: 111.

³³ *Ibidem*, p: 113.

³⁴ *Ibidem*, p: 149.

³⁵ *Ibidem*, p: 150.

CLASTRES, Pierre, *Sociedade Contra o Estado*: pesquisa de antropologia política; tradução de Thiago Santiago, Rio de Janeiro, Ed: Francisco Alves, 1978

MELIÀ, Bartolomeu, *A Terra Sem Mal dos Guarani*, in. Revista de Antropologia, USP, vol. 33, 1990

RIBEIRO, Darcy, *O Povo Brasileiro, A Formação e o Sentido do Brasil*, São Paulo, Ed. Global, 2015

ZÉ, Tom, Hy-Brasil, Terra Sem Mal: Tom Zé. São Paulo, Sesc SP, 2022, 1 CD (43 min)